

**ELENCO DOS PROFESSORES NO ITESC
DURANTE ESTES 20 ANOS: 1973-1993**
(por ano de admissão)

- | | | |
|----------------|---|---|
| 1973 | 1. BIANCHINI, Pe. Francisco de Sales | 37. OLIVEIRA, Pe. Siro Manoel de |
| | 2. BRATTI, Pe. Paulo | 1983 |
| | 3. GUELLA, Pe. Eloy, SJ | 38. LOCH, Mons. Valentim |
| | 4. LONGEN, Pe. José | 39. RHODEN, Pe. Kuno Paulo, SJ |
| | 5. PEREIRA, Pe. Ney Brasil | 1984 |
| | 6. PIAZZA, Pe. Waldomiro Otávio, SJ | 40. BERTOTTI, Pe. Luiz João |
| | 7. VALLE PEREIRA, Prof. Nereu do, | 41. BUSS, Pe. Nilo |
| 1974 | 8. BEIER, Pe. Frei Junípero, OFM | 1985 |
| | 9. BRANDES, Pe. Orlando | 42. HOHMANN, Pe. Frei Joemar V., OFM Cap |
| | 10. MESQUITELLA, Pe. Carlos Sebastião | 43. RIBEIRO, Pe. Dr. Hélcion |
| | 11. SANTOS, Pe. Aquilino Antônio | 1986 |
| 1975 | 12. BESEN, Pe. José Artulino | 44. SILVA, Pe. Dr. Márcio Bolda da |
| | 13. BIRCK, Pe. Afonso, SJ | 1987 |
| | 14. STADELMANN, Pe. Dr. Luís Inácio, SJ | 45. COLOMBI, Pe. Dr. Adilson J., SCJ |
| 1976 | 15. ALVES, Irmã Alete (Neves), IDP | 46. FELLER, Pe. Dr. Vitor Galdino |
| | 16. CERVI, Pe. Henrique Ernesto | 47. GONÇALVES, Pe. Jaci Rocha, OSO |
| | 17. DEBIASI, Pe. Evaristo | 48. RAMADA, Prof. ^a Martha R.S. de |
| | 18. GIACOMELLI, Pe. Sérgio | 49. RAMADA PIENDIBENE, Prof. Daniel E. |
| | 19. OLEYNIK, Ir. João, Marista | 50. WLOCH, Pe. Francisco de Assis |
| | 20. OLIVEIRA, Pe. José Edgard | 1988 |
| | 21. SACHET, Prof. Celestino | 51. BRIGHENTI, Pe. Agenor |
| | 22. SECCO, Prof. Victorino | 1989 |
| 1977 | 23. GOEDERT, Pe. Dr. Valter Maurício | 52. DIETRICH, Prof. Luís |
| | 24. PASSOS, Pe. José Augusto, SJ | 53. GRITTI, Pe. Dr. Alberto |
| | 25. RECHIA, Ir. Antônio, Marista | 54. GROH, Pe. Vilson |
| 1978 | 26. FRANCISCO, Pe. Dr. Manoel João | 55. KRIEGER, Dom Murilo S.R., SCJ |
| | 27. OLIVEIRA, Prof. Tarsizo de | 56. SCHLICKMANN, Mons. Vito |
| 1979 | 28. PEREIRA, Prof. Moacir | 57. SILVA, Prof. Marcos Rodrigues da |
| | 29. STROBINO, Ir. Ivo, Marista | 58. SOUZA, Pe. Nivaldo Alves de, SCJ |
| 1980 | | 1990 |
| 1981 | 30. BRADANINI, Pe. Sérgio, PIME | 59. BERTOLDI, Ir. Marlene, IIC |
| | 31. GARUTI, Pe. Alberto, PIME | 60. CUENOT, Pe. Michel, MOPP |
| | 32. LINDMEIER, Pe. Frei Conrado, OFM | 61. DELLA GIUSTINA, Pe. Elias |
| | 33. PIRES, Pe. Dr. Cláudio, SJ | 62. MILANEZ, Ir. Teresinha, IDP |
| | 34. STOLF, Pe. Frei Justino, OFM Cap | 63. NANDI, Pe. Domingos Volney |
| 1982 | 35. KUHN, Ir. Aloísio, Marista | 64. VICENTE, Pe. Dr. Vilmar Adelino |
| | 36. MARTINS TERRA, Pe. João E., SJ | 1991 |
| | | 65. BOHN, Pe. Antonio Francisco |
| | | 66. CRIMELLA, Pe. Severino, PIME |
| | | 67. DE COPPI, Pe. Paolo, PIME |
| | | 68. KESTERING, Pe. Juventino |
| | | 69. SCHIOCHET, Pe. Valdir |
| | | 70. SILVA, Pe. Frei José Maria, OFM Cap |
| | | 71. SURIAN, Prof. Francisco |
| | | 1992 |
| | | 72. RUFINO FILHO, Pe. Frei José, OFM Cap |

NB: Dados fornecidos pelo Pe. Henrique Ernesto CERVI, Secretário Executivo do ITESC desde 01-01-1976

A FORMAÇÃO PRESBITERAL E O DESAFIO DA CULTURA

Pe. Michel Cuénot MOPP
Professor de Exegese do AT

Os formadores das várias dioceses do Estado reuniram-se para partilhar, aqui no ITESC, suas preocupações a respeito das últimas defecções de jovens padres e seminaristas de Teologia. Assim formularam a pergunta que foi o ponto de partida da reflexão que segue: "Quais os elementos essenciais que faltam em nossa prática de formadores, para uma formação completa e equilibrada?"

Num espírito de abertura e disponibilidade, pediram-me um palpite crítico e construtivo, baseado em minha experiência

de formador aqui e em outras terras, salientando os aspectos que mais chamaram minha atenção, enquanto estrangeiro no Brasil.

Não se trata, portanto, de uma exposição completa de todos os elementos que contribuem para a formação dos futuros presbíteros. Dispomos, para isso, do documento de referência que é a Exortação Apostólica pós-sinodal "Pastores dabo vobis" (de João Paulo II, 1992). Meu propósito visa apenas delimitar o que pode faltar em nossa prática atual, ou pelo menos o que mereceria maior destaque em relação a outros aspectos privilegiados.

1. O senso da história

O desinteresse prático pela história é um dado cultural que marca todo o continente americano, do norte ao sul. Um europeu, que tenha passado vários anos numa cidade da América Latina ou dos Estados Unidos, e agora desembarca em Londres, Paris, Milão ou Colônia, tem a impressão de pisar o chão onde estão suas raízes; ali ele se sente em convivalidade com um povo que é "seu" povo, com uma cultura que impregna sua mentalidade e lhe dá sua identidade.

A moda do consumo imediato anestesia a consciência da própria identidade

Quando ele volta no outro sentido, procura em vão algum ponto de apoio e referência: tudo parece precário, feito para durar o tempo de uma moda. As realizações mais bonitas da arquitetura colonial não resistem à cobiça voraz dos modernos predadores urbanos em busca de lucro sempre maior! A moda "made in USA" está tomando conta de tudo, arbatando o que sobrava ainda dos valores das culturas indígenas, negras, índias e outras. As músicas, as inscrições das camisetas em inglês, as bebidas, os tênis, os carros... tantos sinais de uma dependência cultural selvagem que não dá mais lugar para uma identidade nacional enraizada no chão brasileiro. A moda do consumo imediato anestesia a consciência da própria identidade e projeta num futuro promissor de mais consumo e mais frustrações ainda.

Mas por que falar de história, num artigo que procura salientar os pontos fracos ou esquecidos da formação do clero? É porque a fé cristã é essencialmente uma memória do passado, que dá sentido ao presente e ao futuro.

"Fazei isto em memória de mim" (Lc 22,19b), repetem todos os presbíteros do mundo católico quando exercem seu sagrado ministério eucarístico. Como podem eles experimentar sua identidade presbiteral se não têm o mínimo senso histórico? Seria exagerado ousar criticar a expressão tantas vezes usada em nossas comunidades: "o 'novo' jeito de ser Igreja"?

Não estaríamos assimilando e batizando inconscientemente um dos ídolos da sociedade de consumo: o "novo" é bom, o "novo" é melhor do que o antigo; o "novo" deve apagar nossas saudades dos velhos tempos e projetar-nos num futuro melhor?

O dinamismo da fé cristã está resumido genialmente pelo próprio Cristo, respondendo ao escriba que lhe perguntava qual o primeiro dentre todos os mandamentos:

"O primeiro é: OUVI, ISRAEL, o Senhor nosso Deus é o único Senhor..." (Dt 6,4)

Teríamos que aproveitar muito mais da experiência da leitura orante da Bíblia

Não existe a fé sem um *ouvir*, que mobiliza todas as energias do ser humano, o coração, a alma, o entendimento e as forças (cf Mc 12,28-34). Estou me perguntando se nós, formadores, sabemos *ouvir* antes de falar, e se temos uma verdadeira paixão por educar para o respeito da Palavra que nos foi transmitida pelas testemunhas escolhidas por Deus. Tantas vezes, procuramos nas Escrituras apenas uma justificação das opiniões que tiramos da análise sócio-política dos acontecimentos! Teríamos que aproveitar muito mais da experiência da *leitura orante* da Bíblia, que constitui o eixo de uma verdadeira espiritualidade do clero diocesano ⁽¹⁾.

A introdução geral à Liturgia das Horas recorda aos ministros sagrados que é seu dever celebrá-la, a *Liturgia das Horas*, diariamente: "A Igreja os encarrega da Liturgia das Horas, para que esta missão da comunidade seja desempenhada ao menos por eles de maneira certa e constante, e a oração de Cristo continue sem cessar na Igreja" (n.28).

Nas casas de formação que freqüentei até hoje, a iniciação saborosa para a celebração da Liturgia das Horas me pareceu embrionária, para não dizer inexistente. Muitos seminaristas ignoram até a existência do Ofício das Leituras. Como poderão adquirir o "sentir com a Igreja", se o pensamento dos Pais da Igreja lhes fica totalmente estranho? Dever-se-ia poder usar a expressão tão bonita do povo: "Isto é nossa obrigação!"

2. Uma civilização matriarcal

A história do povo brasileiro está marcada por uma influência predominante da mulher. Isso não significa que a mulher seja respeitada em seus direitos; porém, nas condições de sobrevivência em que se encontra a maior parte da população, o homem foge às suas responsabilidades conjugais e educacionais, e acaba dividindo seu tempo entre o bar e o trabalho, a inconsciência do alcoólatra e a irresponsabilidade do escravo. Sem as mulheres corajosas e jeitosas para tirar partido de tudo e de nada, os filhos morreriam em muito maior número. Esta situação privilegia de modo absoluto os valores do coração sobre os valores da razão.

O espaço cronológico no qual se cria a família limita-se ao hoje e agora. O importante não é fazer projetos, economizar dinheiro... mas sim, sentir-se bem, ou pelo menos não passar fome, se possível, hoje e agora. Ser amado pela mãe é a única poupança que resiste às sucessivas desvalorizações da vida familiar.

Um espírito crítico, fundado sobre uma argumentação objetiva e séria

É importante ter presente este fundo cultural para avaliar o sucesso das várias seitas no supermercado da religiosidade popular. O que conta na igreja antes de tudo é o "sentir-se bem". Não se percebe a necessidade de uma fé objetiva, recebida das gerações que nos precederam, e dos Apóstolos de Jesus. Cai-se num subjetivismo absoluto, que se expressa no desabafo coletivo e indistinto de certas celebrações sem conteúdo dogmático. A Igreja está tentada a reproduzir o velho pecado do bezerro de ouro: reinventar um Deus à imagem das próprias angústias e desejos.

A multiplicação dos dias comemorativos de todas as categorias de gente: mães, pais, crianças, catequistas, padres... reforça esta tendência, em detrimento da atenção que se deveria dar ao mistério central do Cristo morto e ressuscitado por nós. A fuga no sensacionalismo e nos choros da emoção dispensa dos engajamentos a longo prazo a serviço da comunidade dos irmãos.

Neste contexto, é preciso formar os seminaristas na reflexão e na aquisição de um espírito crítico, fundado sobre uma argumentação objetiva e séria. É lamentável o espetáculo de alguns seminaristas incapazes da mínima reflexão pessoal, que adotam qualquer ideologia da moda, numa incoerência total de comportamento. Como poderão eles ajudar o povo a discernir entre os valores que o mundo propõe ao consumo da sociedade, e as exigências do Evangelho?

3. Herança de cristandade

Num artigo consagrado à história da Igreja no Estado de Santa Catarina, no número anterior desta revista, lia-se esta afirmação: "Os padres catarinenses eram homens do Império, inseridos no contexto político da época. Sua atuação não pode ser comparada à de um sacerdote nos dias de hoje, pois estava voltada para a administração do departamento estatal chamado "igreja" (2).

Numa situação de não-organização das estruturas básicas da sociedade civil, o padre, homem de cultura e de estudos, não podia recusar prestar seus serviços para uma boa administração que respeitasse os interesses da população. A virtude que se esperava do padre era então o *fazer e organizar* a vida social e política. Não fazer nada nesse campo seria considerado um escândalo, um pecado público. Assim a Igreja, primeira força organizada, viveu em bom entendimento com os colonizadores, às vezes opressores do povo, organizando a caridade com numerosas obras de assistência.

A recente tomada de consciência promovida pela Teologia da Libertação, e as assembléias de Medellín, Puebla e Santo Domingo, abriram os olhos para a necessidade e urgência da opção preferencial pelos pobres, num sentido libertador de mudança das estruturas injustas. Porém a Igreja, como qualquer instituição, deve carregar o peso da história, e não conseguiu libertar-se de um certo complexo de culpabilidade. A sociedade nascida da colonização não realizou os ideais evangélicos que se podiam esperar da "primeira" Evangelização. Herdamos uma sociedade profundamente desumana e esmagadora para os mais pobres, os mais queridos de Deus. A mudança de mentalidade não mudou substancialmente o dinamismo inicial: o importante é sempre o fazer, e fazer melhor que nossos pais. O grande pecado seria não fazer.

Assim, a *proclamação prioritária do Evangelho*, para fazer deste país cristão um país de cristãos, ficou sendo a especialidade exclusiva das seitas; a Igreja católica prosseguiu suas tarefas de organização a nível de sociedade, e anunciou Jesus e seu mistério a partir de temas de interesse sócio-político. Esquecemos a necessária pedagogia da escuta da Palavra, preliminar a toda e qualquer organização comunitária. Tornamo-nos agora uma Igreja *temática*, que passa de um centro de interesse para outro com a velocidade das modas ideológicas. O recurso à Bíblia não procede de uma escuta gratuita e transformadora; apenas peneira alguns versículos fora do seu contexto para reforçar aquela ou outra ideologia. Na melhor das hipóteses estamos moralizando, não evangelizando.

As declarações de "opção preferencial pelos pobres" não mudaram substancialmente o jeito de viver dos padres

As declarações de "opção preferencial pelos pobres" não mudaram substancialmente o jeito de viver dos padres, religiosos e religiosas, salvo algumas exceções admiráveis. Na sua maioria, os agentes de pastoral ficam sendo os que detêm o poder, o saber e o ter. O Padre tem assegurado o seu státus de classe média e vai-se distanciando do povo à medida da progressão no seu processo de formação. Ele se especializa no fazer-em-favor dos pobres, mas ele mesmo não se torna pobre. Além disso, quando as tarefas da organização se tornam mais pesadas por causa da rarefação dos presbíteros e do tamanho crescente das paróquias, o vigário se torna dono de uma verdadeira empresa e perde aos poucos o sentido da sua consagração sacerdotal.

Como poderia nessas condições viver o celibato, que não lhe aparece mais como um sinal profético do reino, mas sim como um peso insuportável?

"*Imitámini quod tractátis*", "imitai o que fazeis", dizia o ritual da minha ordenação. Quem trata das coisas do mundo tornar-se-á mundano, quem trata das coisas de Cristo tornar-se-á cristão.

4. Formação pastoral

Nos últimos anos tem-se dado com justa razão maior ênfase à formação pastoral, deixando à criatividade dos próprios seminaristas e/ou dos vigários a preocupação com o conteúdo desta formação.

Ora, a *própria formação pastoral inclui o testemunho de vida do pastor*, aquele "que dá a vida por suas ovelhas" (cf Jo 10,11). Não se pode ficar satisfeito apenas com uma formação ao "fazer". O pastor deve aprender a SER, e a ser cristão, isto é, testemunha de uma Boa Notícia, que se tornou sua razão de viver, seu único engajamento no mundo. A herança que recebemos da "cristandade" não facilita este aprendizado do ser cristão. Desde sua entrada no Seminário, o seminarista está colocado num patamar acima do comum dos mortais, que faz dele um ser diferente dos outros, já objeto da veneração dos fiéis. Nessas condições, torna-se sempre mais problemático o esvaziamento de si (cf Fl 2,6-8) para seguir a Jesus, servo sofredor, humilhado e rejeitado por todos. A impregnação cultural desta veneração mentirosa invade o comportamento do povo, e a consciência dos próprios seminaristas, que a consideram como uma espécie de "direito do padre", merecido por seus esforços e sacrifícios. A própria preparação das ordenações diaconais e sacerdotais mergulha neste ambiente ambíguo, pouco favorável a uma preparação efetivamente evangélica do futuro pastor da comunidade.

Viver o que Santo AGOSTINHO afirmava de si mesmo: "Para vocês sou bispo, com vocês sou cristão"

Quais seriam os remédios possíveis contra essas falhas durante o tempo da formação?

a) ensinar *os valores do deserto* e do silêncio interior. Poder-se-ia prever um retiro mensal na solidão, preparado e avaliado com a ajuda do Diretor espiritual. É essencial que o futuro padre aprenda a ser em verdade o que ele é, longe do povo que o bajula, a sós diante de Deus.

b) ensinar *a escutar antes de fazer*. A comunidade do Seminário deveria ser esta comunidade de irmãos inspirada no modelo da comunidade de At 2,42-47 e Mt 18,15, onde se pratica regularmente a revisão evangélica de vida. Cada seminarista deveria convencer-se da necessidade de viver o que Santo AGOSTINHO afirmava de si mesmo: "Para vocês sou bispo, com vocês sou cristão". Nessa comunidade se aprende a leitura orante da Palavra de Deus. Aí também se avalia a caminhada com o povo: o respeito pela sua lentidão por causa da insegurança e a dificuldade de identificação. Aí enfim se coloca em comum a própria fé e a busca de Deus no seguimento de Jesus.

c) ensinar a "*purificação dos sentidos do apóstolo*". Esta expressão, usada por São JOÃO DA CRUZ, não me parece limitar-se à vida dos eremitas. Entende-se por ela o que o pastor deve aprender na freqüentação regular do Evangelho, o fato de que não pode atender a todos os pedidos do povo, nem a todos

os chamados da própria sensibilidade. Esta encontra-se submetida a dura prova, por quem convive em verdade no meio do povo das periferias, com tantos desafios e problemas. Aprender a calar, para respeitar o pequeno passo que o leigo pode dar; aprender a limitar suas próprias ambições pastorais, a fim de que o povo se torne realmente sujeito da sua libertação.

Aprender, enfim, "a diminuir, para que Ele cresça" (cf Jo 3,30)! A virtude das virtudes é a humildade do pastor, mais preocupado com a evangelização das mulheres e homens concretos da sua paróquia que com a realização sem falha do Plano de pastoral elaborado em nome do povo e, às vezes, muito longe do povo!

O estágio pastoral dos fins de semana, nas paróquias, deveria privilegiar antes de tudo a escuta e a avaliação das reações do povo. Os seminaristas não vêm tapar os buracos da falta de agentes de pastoral.

O processo de formação não deve queimar, pois, as etapas do discernimento

Quem, porém, ousará quebrar o tabu das *ordenações diaconais e presbiterais suntuosas* e triunfalistas, que pertencem a um passado de Igreja antecconciliar ultrapassado? O fato de que os seminaristas mais "engajados" nas ideologias libertadoras não usem sequer pensar em cometer tal sacrilégio, não é sinal animador quanto à autenticidade evangélica da formação recebida.

Talvez essa manifestação ambígua de clericalismo de outra idade comece muito mais cedo, desde o primeiro chamado vocacional. O esforço imenso, feito em todas as dioceses do Brasil, para reanimar a pastoral vocacional, já deu frutos de santidade e de vida evangélica. Nas paróquias do interior, porém, onde o seminarista se sente admirado e carregado por toda a comunidade, podem faltar as rupturas necessárias entre uma vida humana e equilibrada e a opção radical por causa do Evangelho e do seguimento de Jesus. A vocação apareceria mais como uma promoção do que como um serviço na base da opção preferencial pelos pobres.

O processo de formação não deve queimar, pois, as etapas do discernimento. Precisa dar tempo ao tempo e providenciar estágios em vários ambientes, para testar o chamado inicial. Seria muito desejável uma revalorização do tempo do Diaconato: tempo de serviço humilde e não de presidência, para aprender que o Padre antes de tudo é *o servidor da comunidade*. E por que não incluir no processo de formação estágios em outras dioceses, outras igrejas, até em outras terras, para abrir os horizontes a uma visão mais católica da Igreja?

Para encerrar este parágrafo, seria preciso abrir novo capítulo sobre as tensões às vezes insuportáveis entre os dois polos: *evangelização e sacramentalização*. É mais fácil fazer as perguntas do que trazer respostas equilibradas neste campo da pastoral! De que maneira pode o Padre engajar sua fé e testemunhar a Boa Notícia do Evangelho, quando tem que realizar em grande série batizados, casamentos, primeiras comunhões, crismas, de "turistas da cristandade" que não querem comprometer-se sequer com a comunidade, e se comportam como consumidores de sacramentos num supermercado religioso, onde se encontra todo o necessário para estancar a sede de sobrenatural?

5. O valor da palavra e do compromisso

O fundo cultural brasileiro, herança dolorosa dos tempos da escravidão, não dá valor à pessoa humana. Os pobres não conquistaram seus direitos à força de lutas. Os direitos, negados e desprezados, foram finalmente importados das democracias européias como qualquer objeto de consumo, por governos mais sensíveis à miséria do povo. Salvo raras exceções, esses direitos existem nos discursos, não na realidade. A sociedade brasileira vive dilacerada entre um discurso democrático-cristão e uma realidade de opressão-violência, no desrespeito total aos direitos humanos e na marginalização da grande maioria de sua população.

Esta situação abre grande espaço à corrupção generalizada. A "soft-corrupção", que faz parte do cotidiano da vida brasileira e que batizamos de "jeitinho": por outro lado, a "hard-corrupção", que começa com a politicagem dos amiguinhos e acaba com a triste realidade dos pistoleiros em assassinatos de profetas, de criminosos, de menores abandonados, prostitutas e outras numerosas vítimas misturadas sem discriminação no sangue do crime impune. Em tal situação, é o "salve-se-quem-puder" com todos os recursos da imaginação fértil de um povo supercriativo. Não ousaria proclamar a total inocência da Igreja numa sociedade onde os recursos para o bom andamento das obras de caridade têm obrigatoriamente um sabor de enxofre.

O divórcio fé-vida impregna toda a mentalidade e adere à cultura. Nem vai ser tão fácil "evangelizar as culturas", processo que suporia conversões radicais, abandono de privilégios, e não apenas novos discursos!

Não ousaria proclamar a total inocência da Igreja

Como, neste contexto, dar valor à palavra dada e aos compromissos mais sagrados? Se a referência for o Povo, o Reino, a Libertação, não há esperança para a constância e a perseverança no futuro. Estamos construindo sobre a areia das ideologias. O único remédio é o *contacto vivo e pessoal com a pessoa de Jesus Cristo*. É impressionante ler artigos de teologia ou de temas de pastoral que falam tanto do Reino e se esquecem de falar do Rei... O Reino sem o Rei é uma ficção, e o Rei é também o Esposo, o que significa que Jesus quer relacionar-se pessoalmente com os ministros do seu Reino. Devemos, portanto, ensinar e viver a pessoa de Jesus e, por conseqüência, o que é ser discípulo de Jesus. Desde o tempo da formação é preciso adquirir as atitudes proféticas de recusa do espírito da cultura vigente, em nome do Evangelho "cru", a ser lido e vivido sem mais nem menos.

NOTAS

(1) Ver, na coleção "Tua Palavra é vida", ed. LOYOLA: "A leitura orante da Bíblia".

(2) Cf BESEN, Pe. José Artulino, "A formação sacerdotal em Santa Catarina, 2ª parte: Os Seminários Maiores", em ENCONTROS TEOLÓGICOS n.13 (1992/2), p. 30

Endereço do Autor:
Missão Operária São Pedro e São Paulo
rua Uruguiana, 963
89.225-400 JOINVILLE, SC